

NEOLOGIA E IMPLICAÇÕES TEXTUAIS

Ieda Maria Alves – USP

Introdução

A neologia lexical, comumente mais estudada no âmbito dos estudos morfológicos, estabelece também relações com os outros níveis de análise linguística. Desse modo, a permuta de um fonema por outro pode gerar um neologismo fonológico, uma mudança de significado frequentemente condiciona a criação de um neologismo semântico, assim como a adição de um prefixo ou de um sufixo implica alterações semânticas na palavra-base e também sintáticas, no contexto frasal. Consideramos, como Llorente (2004, p. 20), que o "léxico está situado em uma espécie de intersecção que absorve informações providas de caminhos diversos: dos sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso linguístico e das situações comunicativas (pragmática)".

As relações estabelecidas entre texto e formações de unidades lexicais têm sido pouco enfatizadas nos estudos sobre a neologia lexical. Em trabalho anterior (2007), já procuramos mostrar como as relações da neologia com o texto são inerentes e podem ser claramente evidenciadas, uma vez que a criação neológica insere-se em um enunciado. Lembramos que um trabalho pioneiro na análise de unidades lexicais neológicas, elaborado por Wexler em 1950 – *La formation du vocabulaire des chemins de fer en France. (1778-1842)* - já considerava a unidade lexical neológica no contexto em que era empregada.

Conceituamos neologismo como uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua. O neologismo – exceto os empregos de caráter intencional no âmbito literário, publicitário - é fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, e resulta de uma necessidade de nomeação ou de um fato social, que, em um momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical. Como princípio metodológico, considera-se neológica a unidade lexical não-incluída em um *corpus de exclusão*, denominação criada por Boulanger (1979) para designar um conjunto de dicionários de língua que exerce o papel de filtro para caracterizar uma unidade lexical como neológica ou não-neológica.

Como *corpus* de análise, tomamos os materiais integrantes do Projeto TermNeo (*Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*), projeto de caráter lexicológico que coleta unidades lexicais neológicas em um *corpus* jornalístico desde janeiro de 1993. Os dados da *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* (doravante *Base*) foram constituídos a partir dos jornais *Folha de S. Paulo* (FSP) e *O Globo* (G) e das revistas *IstoÉ* (IE) e *Veja* (V), observados segundo um sistema de amostragem (um veículo por semana): jornal *O Globo* – primeiro domingo do mês; revista *IstoÉ* – segunda semana do mês; jornal *Folha de S. Paulo* - terceiro domingo do mês; revista *Veja* - quarta semana do mês. De janeiro de 1993 a dezembro de 2000 foram coletadas 13 572 unidades lexicais neológicas, com frequência variada, que correspondem a 24 578 ocorrências.

Como *corpus de exclusão*, consideramos os seguintes dicionários: Ferreira (1986) - para o *corpus* correspondente ao período de 1993 a 1999; Ferreira (1999) - para o *corpus* coletado em 2000; Weiszflog (1998) - para o *corpus* coletado em 1999 e 2000.

Foram considerados ainda como integrantes do *corpus de exclusão* os vocabulários ortográficos publicados pela Academia Brasileira de Letras, que, embora não sejam dicionários de língua, apresentam em sua macroestrutura um grande número de unidades lexicais que não integram outros repertórios: Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. (1981) - para o *corpus* correspondente ao período de 1993 a 1997; Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (1998) - para o *corpus* coletado em 1999; Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (1999) - para o *corpus* coletado em 2000.

A partir de 2006, uma parceria estabelecida com pesquisadores do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC), da USP de São Carlos, tem possibilitado o desenvolvimento de

ferramentas computacionais que realizam a coleta semi-automática de neologismos, com o uso de léxicos informatizados, desenvolvidos pelo grupo, como *corpora de exclusão*. Essas ferramentas, disponíveis em www.nilc.icmc.usp.br/~thiago/neologismo.html, possibilitaram a expansão do *corpus* de análise, que passou a integrar as edições *online* das revistas *IstoÉ* (IE), *Veja* (V) (desde janeiro de 2001), *Época* (E) (desde janeiro de 2003) e dos jornais *O Estado de S. Paulo* (ESP) e *Folha de S. Paulo* (FSP) a partir de janeiro de 2001. Relativamente a esses materiais, são consideradas como *corpus de exclusão* as versões eletrônicas dos seguintes dicionários: Ferreira (1999), Weiszflog (1998), Houaiss e Villar (2001) e Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (2004). Os neologismos referentes a essa coleta semi-automática estão sendo coletados e, por isso, não dispomos ainda de dados numéricos.

Neste trabalho, em que analisamos aspectos da *Neologia e suas implicações textuais*, objetivamos apresentar algumas relações que a unidade lexical neológica estabelece com outras unidades, do ponto de vista textual. Enfocamos unidades lexicais neológicas formadas por derivação (tanto prefixal como sufixal) de caráter intensivo. Nos materiais da *Base* já coletados, as unidades lexicais prefixadas correspondem a 27% dos neologismos empregados; a derivação sufixal, menos empregada, representa 10% dos dados. Os prefixos intensivos (tanto os de intensidade valorativa como diminutiva) formam cerca de 35% das unidades lexicais formadas por prefixação. As unidades lexicais formadas por sufixos intensivos são bem menos numerosas, pois a expressão da intensidade, contemporaneamente, manifesta-se sobretudo por meio de afixos prefixais. Essa assimetria entre prefixação e sufixação intensiva explica o fato de termos utilizado a derivação prefixal na maior parte dos exemplos apresentados.

1. Relações entre Neologia e Texto

Apresentamos alguns aspectos das relações que a unidade lexical neológica estabelece no nível textual: as reiterações de sentido de uma unidade lexical neológica; as relações de caráter sinonímico e de caráter opositivo que essa unidade tece por vezes no texto. Esses aspectos, que implicam reiteração, paráfrase, substituição, contribuem para a coesão do texto (Fávero, 1991).

1.1. As Reiterações de Sentido

Os estudos que temos efetuado sobre a neologia lexical mostram que, não raro, as unidades lexicais neológicas formadas por derivação estabelecem relações com as demais unidades do texto. Assim, ao enunciar tais neologismos, o emissor reitera o sentido dessas unidades com comentários metalinguísticos de explicitação do novo, que, como lemos em Authier-Revuz (1995), explicitam o sentido de uma unidade lexical neológica já enunciada ou ainda a ser enunciada (cf. Alves, 2000 e 2007).

Em trabalho referente ao emprego de neologismos terminológicos empregados em revistas e jornais franceses, Beciri (1994, p. 316) aponta que, dentre 888 unidades lexicais neológicas, 517 apresentam contextos explicatórios, que introduzem diferentes tipos de explicitação a respeito do sentido da unidade lexical neológica:

Les contextes “définitoires” à proprement parler sont comme on va le voir une minorité dans ce corpus ; je préfère donc parler de contextes explicatifs, qui soit apportent l’information nécessaire à la compréhension, soit permettent de l’inférer, par le jeu de l’isotopie ou de l’entour pragmatique.

Em nossos dados, um exemplo de reiteração de sentido é constituído pela unidade lexical *bastão*, cujo referente, de dimensões tão pequenas, apresenta “espessura semelhante a um fio de cabelo”, comentário que justifica o uso do prefixo de intensidade diminutiva *micro-*:

Após anestesia feita com colírio, o médico faz uma incisão na esclera (parte branca do olho), onde são colocados microbastões, com espessura semelhante a um fio de cabelo. (IE, 14-10-98)

Em outra formação, *superadvogado*, o prefixo de intensidade valorativa *super-* atribui à base *advogado* o caráter de profissional fora do comum, que “oferece atendimento e desempenho de primeira”: *Esses profissionais são alguns integrantes de um grupo cada vez maior de <superadvogados>. Gente que oferece atendimento e desempenho de primeira. Em troca, cobra pesado.* (V, 28-04-99)

O emprego do sufixo *-aço*, na unidade lexical *pacotaço*, é justificado pelas dimensões do pacote político, que inclui “reforma ministerial”, “reeleição e presidências da Câmara e Senado”: *FHC e Luís Eduardo Magalhães definiram que a reforma ministerial fica para fevereiro. Será a última etapa do <pacotaço> que inclui reeleição e presidências da Câmara e Senado. O presidente optou pela tese pefelista.* (FSP, 15-09-96)

Alguns comentários revelam-se bastante explícitos, reiterando o caráter de pequenez ou grandeza expresso pelo afixo intensivo.

Exemplificamos com dois prefixos de intensidade diminutiva, *micro-* e *nano-*, que têm o significado de excessiva pequenez reiterado pelo adjetivo *pequeno*:

Faço parte de um grupo que fotografa com a Loixio, uma <micromáquina> soviética. É uma máquina bem pequena, tipo espionagem. (FSP, 20-06-93)

Por ser tão pequena, a nanocélula entra pelos vasos. (E, 20-12-05)

Diferentes afixos intensivos podem reiterar o sentido de uma mesma base, a exemplo da unidade lexical *apartamento*, que forma com o prefixo *super-* o derivado prefixal *superapartamento* e com o sufixo *-aço* o derivado sufixal *apartamentaço*. É no nível textual que se explicita o uso dos afixos: em um contexto, o *superapartamento* está situado numa área muito valorizada do Rio de Janeiro, de frente para o mar, e, em outro, a paráfrase refere-se às grandes dimensões do imóvel, pois apenas sua sala mede 85 metros quadrados; e o *apartamentaço* é imenso e ricamente decorado, conforme os excertos apresentados a seguir:

De patrimônio pessoal, tem um <superapartamento> de frente para o mar na Avenida Vieira Souto, outro em Paris, mais um em Nova York e uma casa em Angra dos Reis, no litoral fluminense. (V, 27-03-96)

Agora, a maior parte dos imóveis de três quartos vendidos nas grandes cidades tem em média 85 metros quadrados – área da sala do <superapartamento>. (V, 23-07-03)

Cada um dos três andares de seu apartamento, avaliado em 4 milhões de dólares, tem um estilo de decoração diferente. "Os corrimãos das escadas são folheados a ouro", descreve uma amiga de Kryss. Há colunas de mármore nobres, banheiros cor-de-rosa do teto ao chão e pesadas cortinas de veludo. A cozinha, com equipamentos industriais lembra a de um grande hotel. O <apartamentaço> conta ainda com três quartos só para abrigar empregados. (V, 27-08-97)

1.2. As Relações Sinonímicas

Os derivados com prefixos intensivos apresentam também relações coesivas no enunciado ao estabelecerem conexões sinonímicas com outras unidades, por vezes pertencentes a uma outra classe gramatical.

É o que se observa na relação que os derivados prefixais *megabanqueiro* e *megaacampamento* estabelecem com “um dos maiores banqueiros” e “maior acampamento de trabalhadores sem terra do Brasil”, em que a intensidade é expressa pelo adjetivo *maior*:

Outro megabanqueiro (tít.).

Capitão do Unibanco e dono do Nacional, Pedro Salles virou um dos maiores banqueiros do país. (V, 29-11-95)

Sem-terra encerram <megaacampamento> (subtít.)

/.../ Com o acordo, deve começar amanhã em clima pacífico o desmonte do maior acampamento de trabalhadores sem terra do Brasil, montado na fazenda Santo Antônio, em Itaquiraí, em Mato Grosso do Sul. (FSP, 19-10-97)

A expressão da intensidade nem sempre é observada entre unidades que apresentam a mesma base. É o que se verifica nos excertos a seguir, em que *microcrédito* é concedido aos “pequenos empresários” estabelecendo-se, assim, uma relação de pequenez expressa entre o prefixo *micro-* e o adjetivo *pequeno*; de maneira similar, observa-se uma relação de grandeza entre *supermáquina* e “grande mestre”, manifestada pelo prefixo *super-* e pelo adjetivo *grande*:

O Codefat (Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador) pretende criar um banco popular para ampliar a concessão do <microcrédito>. A intenção é facilitar o acesso de pequenos empresários, cooperativas e da produção familiar aos recursos do FAT, que têm juros mais baixos. (FSP, 21-12-97)

Em O Deep Blue, a <supermáquina> da IBM que derrotou o grande mestre Garry Kasparov, vai ter filhotes (V, 28-05-97)

No contexto seguinte, a unidade lexical adjetiva *superestudiosa*, parafraseável por “excessivamente, muito estudiosa”, opõe-se a “muito dispersiva”, por sua vez parafraseável por *superdispersiva*:

Sou <superestudiosa>, sou também muito dispersiva. (FSP, 16-05-93)

Essas relações entre um prefixo intensivo e um adjetivo ou um advérbio são possíveis porque o significado dos prefixos intensivos está associado ao tipo de base a que o afixo se prefixa. Enfatiza Rio-Torto (1993, p. 366), a esse respeito, que “quando se agrega a substantivos, o operador prefixal /de caráter intensivo/ tende a assumir valor atributivo, de natureza dimensional (*supermercado* “mercado de grandes dimensões; mercado grande”; *maxi-*, *mini-*) e / ou qualificante (*superidéia*). Quando se combina com adjetivos ou com verbos, o prefixo assume valor adverbial: *hipergrande* “muitíssimo, imensamente, excessivamente xb”.

Desse modo, os prefixos intensivos mencionados (*mega-*, *micro-* e *super-*), ao estabelecerem relações sinonímicas com adjetivos e advérbios, reiteram o valor atributivo ou adverbial que lhes é intrínseco.

1.3. As relações opositivas

Neologismos formados com afixos intensivos contribuem também para o estabelecimento de relações de caráter opositivo entre unidades lexicais.

Essas oposições são comumente observadas entre duas unidades lexicais formadas por prefixos de significados opostos, a exemplo de *mini-* / *maxi-*, *micro-* / *macro-*:

Lá, ela quer gravar um <minidocumentário> (ou uma <maxi-entrevista>) com o estilista tunisiano Azzedine-Alaia para o "GNT Fashion", da GloboSat/Net. (G, 06-10-96)

Não é raro que um <microdevedor> de uma agência governamental seja <macrodevedor> de outra. (FSP, 17-03-96)

Tal como vimos na seção anterior, em que relações sinonímicas podem ocorrer entre um prefixo intensivo e um adjetivo, uma relação opositiva também pode ser expressa entre um afixo prefixal e um adjetivo. Assim, os termos de Economia *minibanda* e *banda larga*, formados com a base *banda*, manifestam oposição por meio do prefixo *mini-* e do adjetivo *larga*:

Arredondando, o dólar está em R\$ 1,11. O governo prefere manter a política de desvalorizações graduais pouco acima da inflação interna, dentro da <minibanda>, e esta, dentro da <banda larga>. A defasagem seria eliminada aos poucos. (FSP, 16-11-97)

Considerações finais

Neste trabalho, destacamos apenas algumas relações que a unidade lexical neológica, exemplificada por meio de formações com afixos de caráter intensivo, pode estabelecer no nível textual: reiteraões de sentido, sinonímicas e opositivas.

Essa amostragem sugere que os estudos sobre a neologia lexical não devem restringir-se aos aspectos morfológicos, os mais comumente estudados. Devem direcionar-se também aos demais níveis de análise lingüística. O nível textual, especialmente, deve ser mais focado, pois os neologismos são sempre criados em um texto e em uma situação comunicativa.

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Academia, 1998. 1 ed. 1981.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1999. 1 ed. 1981.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2004. 1 ed. 1981.
- ALVES, Ieda Maria. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo*. 2000. Tese (Livre-Docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- ALVES, Ieda Maria. Neologia e níveis de análise lingüística. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. *Ciências do léxico*. v. 3. Campo Grande: Editora UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 19-30.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Les mots qui ne vont pas de soi*. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris : Larousse, 1995. 2 v.
- BECIRI, Hélène. Néologismes « spécialisés » dans les media et la vie quotidienne : aspects morphologiques et sémantiques. *Néologie lexicale. Français*, 6, p. 302-342.
- BOULANGER, Jean-Claude. Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des néologismes en terminologie. In: *Néologie et lexicologie*. Paris: Larousse, 1979. p. 36-46.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1 ed. 1975
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 ed. 1975
- LORENTE, Merce. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *Ciências do léxico*. v. 2. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, p. 19-30.
- RIO-TORTO, Graça Maria. *Formação de palavras em português*. 1993. Tese (Doutorado) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993.
- WEISZFLOG, W. *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- WEXLER, Peter. *La formation du vocabulaire des chemins de fer en France. (1778-1842)*. Genève: Droz, 1950.